



LACAN E O ÉDIPO FREUDIANO

Alejandro Luis Viviani¹

Vou tentar transmitir-lhes uma síntese com o risco de imprecisão que isso implica e, em parte, uma reprodução do que Lacan diz sobre o Complexo de Édipo nesse retorno que faz à obra freudiana.

É a clínica, a clínica freudiana, que descobre a existência do inconsciente. A problemática edípica, aquilo que surge cada vez que começamos a análise do inconsciente, é o que encontramos como núcleo das neuroses. O Édipo é a própria constituição do sujeito em sua palavra, que em relação a um terceiro produz sua significação.

Há uma trajetória marcada pela descoberta freudiana. Não há outra maneira de ler a teorização de Lacan sobre o Édipo senão fazendo a trajetória de Freud. É sobre o Édipo freudiano que Lacan tenta precisar o que ele chama função paterna e, para isso, ordena o Complexo de Édipo em três tempos. O Complexo de Édipo é um nó de relações dos fantasmas originários (*Urphantasien*). Fantasma de sedução², castração e cena originária (coito parental). Nesses fantasmas encontramos tentativas de solução desses enigmas que surgem para as crianças e que são os enigmas sobre sua sexualidade (fantasma de sedução), sobre a diferença sexual (fantasma de castração) e sobre sua origem (cena originária). Esses fantasmas são a encenação da posição do sujeito no discurso em relação ao objeto de seu desejo. Todo o Complexo de Édipo não é somente a relação do filho com seus pais, há uma pré-história, uma história anterior a ele que é a história dos desejos materno e paterno.

¹ Cons: Rua Maranhão, 554. Conj. 42. Tel. 3666-9472. Fax: 3813-6735. E-mail alviviani@uol.com.br

Higienópolis. São Paulo. Brasil

² Ver cartas 52 (6/12/1896) e 69 (21/9/1897) a W. Fliess.

Teríamos que recordar algumas considerações freudianas sobre a sexualidade feminina, isto é, esse ser que nasce bissexual e pode chegar ou não, dependendo das vicissitudes de seu Édipo, a ser uma mulher feminina.

Freud diz que toda criança, seja homem ou mulher, admite um único órgão sexual, o masculino. Define esse período como o da primazia do falo, elevando o falo ao estatuto de fase, fase fálica. Logo em seguida diz que o Complexo de Castração emerge nessa fase de primazia do falo. Falo e castração. Presença e ausência.

Freud diz que o Complexo de Castração emerge na fase em que há representação da ferida narcísica pela perda do seio depois de mamar, das fezes e pela separação do corpo materno no nascimento, mas que só se deve falar desse complexo quando tal representação de uma perda está ligada à do pênis. É a partir desta que as anteriores se re-significam. Esse falo, quando é tomado na realidade corporal sob a forma de pênis, é aquele que se poderia chamar de órgão fálico.

Freud reconhece, a partir da clínica, que a vinculação da mulher ao pai foi precedida de uma vinculação igualmente apaixonada e intensa com a mãe. Primeiro objeto, a mãe; zona erógena, o clitóris. Submetida à premissa universal do pênis – este é o falo na teoria, a própria premissa – não lhe falta nada. Tudo tem pênis. Freud diz que quando a menina reconhece a diferença entre o que ela e o menino têm, separa-se de sua mãe e a responsabiliza pela sua falta de pênis (não tenho porque ela não me deu, ela tampouco tem). Diz-se que lhe falta em relação à premissa universal do pênis. A mulher muda de objeto, da mãe para o pai, e teria que mudar de zona, do clitóris para a vagina. Freud diz que no giro para a feminilidade, o clitóris deve ceder total ou parcialmente sua significação (*Bedeutung*) à vagina. Se essas mudanças ocorrem, Freud as atribui ao complexo de castração. Essa separação marcada pela agressividade, orienta a menina para o pai, de quem deseja³ obter o pênis sob a forma de filho. O Complexo de Castração enuncia-se no menino como ameaça de castração através da qual sai do Édipo e, na menina, como inveja do pênis (*Penisneid*), provocando sua entrada na dialética edipiana. Essa inveja aparece em três sentidos: 1 - quer que o clitóris seja um pênis; 2 - deseja o pênis do pai; 3 - espera ter um filho do

³ Chamo a atenção para o desejo pois veremos que realmente (Real inconsciente) este não é o desejo, visto que pela sua própria emergência o desejo é inominável. É necessário diferenciar entre objeto causa do desejo e a razão do desejo.

pai, o pênis na sua forma simbólica. Freud diz que no inconsciente, excrementos, dinheiro, filho e pênis são confundidos e intercambiáveis, há entre eles uma equivalência. A menina vai equacionar simbolicamente pênis e filho. Agora, em condições de ter um filho, vemos que este aparece no lugar de uma falta. Quando a mulher põe o filho no lugar da falta, o faz desde o valor que este tem enquanto equivalente do falo. O falo, com seus equivalentes, é algo separável do corpo, algo que se pode ter e que se pode perder.

No primeiro tempo do Édipo, Lacan já situa a metáfora paterna atuando por si na medida em que o falo está na ordem da cultura, e chama esse tempo de tempo da primazia do falo.

Antes de desenvolver os três tempos, vou fazer uma introdução sintética e esquemática a alguns conceitos da lingüística, cuja teorização é contemporânea à descoberta do inconsciente e que aparecem não formalizados na obra freudiana. Lembremos que o signo lingüístico é a combinação do conceito que Saussure chama de significado e a imagem acústica que chama significante. A relação entre significado e significante chama-se significação. Ducrot e Todorov reafirmam que falar de signo implica uma diferença entre presença, que é a parte sensível, e ausência, que é a parte não sensível. O significante é presença e sensível, o significado é ausência e não sensível. O signo é duplo, simultaneamente sinal e ausência. Saussure define o valor lingüístico como um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes. O signo é um valor: 1 - por sua significação, relaciona um significado com um significante; 2 - estabelece relações de comparação, solidariedade e interdependência com outros signos da língua. O valor surge de um movimento de identidades e diferenças, sendo isto o que faz funcionar uma língua. Saussure nos apresenta o seguinte algoritmo:



Lacan, partindo da experiência psicanalítica, da experiência freudiana, rompe com essa relação e propõe o seguinte algoritmo:

significante
significado

Vemos que, aqui, falta a elipse que representava a unidade do signo e há uma primazia do significante (S) sobre o significado (s). As flechas que expressavam uma relação biunívoca, a um significante correspondia um significado, desaparecem, o que expressa a possibilidade de a um significante corresponder mais de um significado, e a barra é a resistência à significação. O signo é subvertido, destrói-se a significação em si mesma. Significado e significante são duas ordens diferentes indicadas pela barra. O funcionamento do significante nos mostra que um significante remete a outro significante e que seu lugar é o da diferença.

Em Lacan vemos que a significação surge na cadeia significante e esta gera um efeito de sentido. Este sentido surge retroativamente (*Nachträglichkeit, après-coup*), na volta sobre a mesma cadeia é possível reconhecer esse significante que insiste. É a partir do final que se entende o princípio. Há uma antecipação de termos na construção de uma frase, mas o sentido surge como efeito retroativo⁴. Diz Lacan que o significante articula-se numa cadeia também articulada, forma grupos fechados constituídos por séries de anéis enlaçados uns com os outros para formar as cadeias que irão enlaçar-se com outras cadeias. Essas cadeias têm duas dimensões, uma diacrônica e outra sincrônica. Diacronia falante e sincronia significante⁵. Insisto que essa teorização surge da experiência clínica e é necessário deixar claro que é aí que se situa a diferença entre o significante lingüístico e o significante psicanalítico. O valor desses conceitos

⁴ Seria necessário trabalhar o conceito de significância. ("designamos com o nome de significância, 'signifiance', esse trabalho de diferenciação, estratificação e confrontação que se pratica na língua e que deposita sobre a linha do sujeito falante uma cadeia significante comunicativa e gramaticalmente estruturada"). Ver Ducrot e Todorov: Texto - El texto como productividad. p. 397-402.

⁵ Vemos que há uma reformulação do signo a partir da primazia do significante, cuja estrutura é formada pelo menos com $S_1 \ S_2 \ \$ \ a$.

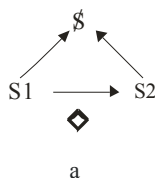
S_1 : chamado significante amo. O sujeito na medida em que representa o traço que deve ser distinguido do que é o indivíduo vivente.

S_2 : Bateria significante. Saber inconsciente, saber insabido.

S_1 intervém em S_2 , deste encontro cai um objeto.

a: objeto que cai do encontro $S_1 \longrightarrow S_2$, objeto causa do desejo, objeto que nesta queda, como perda, torna o gozo (como plenitude ou absoluto) impossível.

$\$$: Sujeito cindido, causado pela castração. Surge do encontro de e está barrado pelo que a carência constitutiva (objeto a) diz de sua incompletude e de sua condição desejante.



está dentro do próprio campo psicanalítico. Recordemos o que Freud dizia a propósito de Totem e Tabu: que ele, como psicanalista, tinha o direito de tomar da etnologia tudo aquilo que pudesse aplicar ao trabalho psicanalítico.

O que nos trouxe até aqui foi a necessidade de nos aproximarmos da idéia de significante e de podermos situá-lo na metáfora. A metáfora é a substituição de um significante de uma cadeia por um significante que chega de outra cadeia atravessando a barra resistente à significação. Há um corte no discurso. Há um sem-sentido que surge no discurso por essa interrupção, que fala de algo diferente do enunciado e que é sua enunciação. O significante funciona por meio de sua combinação e substituição por outros significantes. Lacan mostra os efeitos significantes em duas estruturas fundamentais, a metonímia e a metáfora, que têm a mesma estrutura do deslocamento e da condensação. Aí se vê a estrutura da linguagem.

No trabalho chamado "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", Lacan diz que a significação do falo deve ser evocada no imaginário do sujeito pela metáfora paterna e enuncia esta fórmula da metáfora:

$$\frac{S}{S'} \quad \frac{S'}{x} \rightarrow S \left(\begin{array}{c} 1 \\ s \end{array} \right)$$

S: são significantes

x: a significação desconhecida

s: o significado induzido pela metáfora

Há uma substituição de S' por S sendo que S' barrado ($\overline{S'}$) é a condição de êxito da metáfora.

Na metáfora paterna temos:

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da mãe}} \quad \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado do Sujeito}} \rightarrow \text{Nome do Pai} \quad \left(\begin{array}{c} A \\ \text{Falo} \end{array} \right)$$

Vemos que há uma substituição do Desejo da Mãe pelo Nome do Pai, $\overline{S'}/S'$, é a elisão no Desejo da Mãe através do sentido que surge. É nesse sentido que Lacan entende a função paterna como metáfora. O Nome do Pai como significante privilegiado já marca sua presença na mãe, apóia-se na castração dela e torna possível a emergência de sentido. É porque há falta na mãe que o filho tem a significação de falo. É nessa falta que reside a importância do Édipo da mãe. A eficácia desse significante no sujeito, eficácia de lei, marca um vazio constitutivo do sujeito. A presença do significante no sujeito, esse significante reprimido, persiste e desde lá insiste pelo seu automatismo de repetição. Repetição em transferência, isto é,

atualização do inconsciente ante a presença do analista. É nesse caminho que encontramos a neurose, e a operação que a caracteriza é a o recalque (*Verdrängung*)⁶.

Depois desta introdução, retomo a primeira frase do primeiro tempo que dizia que a metáfora paterna atua por si na medida em que o falo já está na ordem da cultura. Isso quer dizer que o falo já existe como articulador fundamental. Primazia do falo, dizia Freud, isto é, do falo que também simboliza dentro das significações possíveis essas partes do corpo, pênis e clitóris. Não haverá significação última.

Se a mãe, porque equaciona, põe o filho no lugar do que falta, encontramos ante aquilo que se chama célula mãe fálica-narcisismo. Célula onde a mãe aparece como completa ao supor que não lhe falta nada, na medida em que imaginariza o filho como falo. Realiza ilusoriamente o desejo infantil. Já vemos aqui uma referência ao imaginário como ilusório. A mãe crê que não lhe falta nada e o filho se imaginariza com o falo para satisfazer o suposto desejo materno. É nessa relação que o corpo da criança se erotiza. É uma relação aparentemente dual, a aparência é de uma mãe completa com um falo imaginário que é seu filho. Temos mãe, filho e falo. Se o filho é o falo imaginário da mãe, aqui o falo tem outra significação, o falo não é o pênis, mas o filho enquanto corpo. É pelo lugar que ocupa no discurso da mãe que tem valor de falo. O corpo está comprometido no significante. Logo veremos que o falo é o significante do desejo.

Se na chamada célula mãe fálica-narcisismo, ilusoriamente plena, a criança já está no lugar do falo imaginário, já há eficácia simbólica sobre a mãe. É o desejo da mãe que a põe como tal, isto é, essa célula não está plenamente fechada, já há abertura, há carência na mãe. O desejo da criança é o desejo da mãe. O que permite à criança preencher ilusoriamente essa carência é a experiência da fase do espelho, na qual a criança se identifica com essa imagem modelo que permite ao sujeito assegurar seu narcisismo. É preciso dizer que o que Lacan chama \bar{A} (Autre) é o Outro primordial, a mãe, que, na medida em que lhe falta algo é um \bar{A} (A barrado)⁷. O Complexo de Castração se institui no nível do Outro.

⁶ Na psicose, Lacan mostra a carência do significante fundamental na posição subjetiva ou, dito de outra forma, na psicose encontramos com a forclusão ou o repúdio (*Ververfung*) do significante do Nome do pai. Não havendo efeito metafórico, eficácia simbólica, haverá no lugar da significação fálica, um buraco. A operação que caracteriza a perversão é a recusa (*Verleugnung*).

⁷ Lacan define o Outro como lugar, tesouro significante.

Vemos que a entrada no segundo tempo está relacionada com a intervenção efetiva do pai sobre a mãe e, mediado por esta, sobre o filho. Sobre a mãe, privando-a do falo; sobre o filho, provocando a perda do objeto de seu desejo. Há uma dupla proibição, para a mãe: não reintegrarás teu produto, para o filho: não dormirás com tua mãe. Vemos que o desejo da mãe está sustentado na lei e é a lei que faz surgir o desejo no filho.

No primeiro tempo, o pai está velado. O pai do segundo tempo é o pai "terrível", aquele que tira o filho do lugar de falo, que já não lhe deixa crer que é o falo. Ele é sacudido na sua sujeição ao desejo da mãe. Para o filho, coloca-se a questão de ser ou não ser o falo. Porque a mãe deseja outra coisa, é o desejo da mãe que permite que o pai entre e a criança crê que o pai é o falo da mãe. Reconhece que é o pai quem enuncia a lei e pensa que ele é a lei. Esse é o pai onipotente. Aqui, o pai começa a se revelar. É pelo valor que tem a palavra desse pai para a mãe que esta é eficaz sobre a criança. O pai é mediado pela mãe. Vemos que, havendo uma intervenção efetiva do pai, há uma eficácia da função paterna e esta eficácia é um corte. Esse corte não é o corte do pênis; pensar no corte do pênis é uma castração imaginária. A criança, pensando que se não abandonar esse objeto vão cortar seu pênis como castigo, a fim de preservar o pênis perde o objeto. A castração é pensada como imaginária e efetivada como simbólica. A castração instaura as diferenças. A castração simbólica é esse corte, essa separação da célula mãe fálica-narcisismo, de onde surge um sujeito sexuado e desejante por essa eficácia de lei que instaura nesse ser sua falta. Esse corte faz com que algo caia, um objeto que é causa do desejo (objeto a). A causa de seu desejo é esse objeto primitivo perdido, a coisa (*das Ding*) materna, esse para além da mãe como objeto, a carência da mãe que vai situar a carência do filho. A causa do desejo é esse objeto a, e é ao falo que o desejo se dirige. O falo é o que mantém o desejo. O falo é o significante da falta. Como dizia Masotta, o falo é a razão do movimento ao passo que o desejo não se distingue do próprio movimento. Na função do falo, o falo é um significante e não um objeto. O falo simbólico como substituto da lei institui a dialética entre ser e ter. A função paterna destitui a criança da suficiência em que acreditava estar em relação à mãe e a confronta com a insuficiência de seu ser. Destituída do que acreditava ser, confronta-se com suas perguntas neuróticas: quem sou?, o que desejo? Se não sou o que acreditava ser, o que sou ante o desejo do Outro?... A castração possibilita o desejo e o desejo é sempre desejo de outra coisa. O

que é encontrado não é o que falta, mas aquilo que se põe no lugar da falta. O desejo nunca se satisfaz. Encontrar o objeto seria obturar o desejo. Lacan diz que o gozo, como plenitude, é impossível⁸. O desejo é o desejo da falta que no Outro diz do desejo.

A função paterna não coincide necessariamente com o pai da realidade material. Freud falava de pai ou substituto. A função paterna é a eficácia da lei sobre o desejo da mãe e do filho, na medida em que a lei enunciada é a lei contra o incesto. Essa lei é enunciada em Nome do Pai. No segundo tempo, a criança supõe que o pai é a lei; no terceiro tempo reconhece que o pai não é a lei, mas que a transmite. Enuncia a lei, fala em Nome do Pai, aquele que com sua morte funda a lei. Este é o pai da horda primitiva, o de Totem e Tabu de Freud.

Em Totem e Tabu, Freud tenta reconstruir a situação arcaica, e para isso, tomou de Darwin a idéia de o homem ter vivido em hordas dominadas por um macho brutal que tinha todas as fêmeas; de Atkinson, toma a idéia de que esse sistema patriarcal termina com a rebelião dos filhos aliados contra o pai: mataram-no e devoraram seu corpo; seguindo Smith, diz que a horda paterna deu lugar ao clã fraterno totêmico. Para poderem viver unidos, os irmãos renunciaram às mulheres pelas quais tinham matado o pai, aceitaram submeter-se à exogamia e a família se organizou. A ambivalência em relação ao pai se manteve. No lugar do pai surge um determinado animal totêmico. Uma vez por ano, os homens reuniam-se no banquete totêmico, esse banquete é a representação do parricídio que deu origem à ordem social, às leis morais e à religião. Vemos que, morto o pai, surge a lei, a lei que vai reger a cultura, a lei contra o incesto. É em nome desse pai que o pai fala. Deve-se diferenciar entre pai simbólico, que é este, o que representa a lei, que pode ou não coincidir com o pai da realidade, e o pai imaginário, rival, que a criança quer matar para roubar o objeto de seu desejo.

O Nome do Pai é o significante da lei, significante fundamental. É esse significante funcionando que dá ao sujeito sua significação. É pela própria eficácia da função paterna que essa significação não é absoluta, é aí onde se situa a falta. O significante dá à função do pai um lugar no Édipo.

Temos a lei com uma dupla função: uma negativa, que é proibir o incesto, e outra positiva, que é possibilitar o surgimento do desejo. Nesse terceiro tempo, o falo é re-

⁸ Tenhamos presente o princípio de Nirvana, no qual Freud vê uma correspondência com a pulsão de morte.

situado: de imaginário em relação à mãe a simbólico em relação ao pai. Aqui já encontramos o falo no lugar da lei. Lacan diz que o pai desse tempo é revelado, é o pai permissivo, o doador, aquele que com sua eficácia permite que o sujeito procure o gozo, como absoluto impossível, e faça de seu pênis um órgão de prazer. Na escolha heterossexual, todas as mulheres serão possíveis menos uma, aquela que é a única que existe para o inconsciente. Nesse tempo, a criança incorpora a lei, identifica-se com ela, estrutura o Supereu e o Ideal do Eu, sendo este a identificação com os emblemas do pai, a identificação com o masculino do pai. Essas insígnias do pai não são a pessoa do pai, mas os significantes que o pai suporta.

O Ideal do Eu é diferente do Eu Ideal. O Eu Ideal é o ideal do narcisismo, o da relação mãe fálica-narcisismo, o que eu fui para a minha mãe, o que eu era, aquele da relação de fascinação com a mãe. Fascinação que está em jogo pelo olhar da mãe. A palavra fascinação vem do latim, *fascino*, *fascinum*, que significa ao mesmo tempo olhar, amuleto em forma de falo que se usava para evitar o mau-olhado, e falo.

O homem pode ter ou perder o falo depois de ter reconhecido que não o é.

Pelo que vimos, tanto o falo não deixa o homem numa melhor posição do que a mulher, quanto a castração é uma operação simbólica, que pode se efetivar no homem ou na mulher e é isso o que possibilita que sejam masculinos ou femininos.

Vemos que a aula de hoje, em certa medida esquemática, também remete à articulação dos registros Imaginário, Simbólico e Real, articulação pela qual há objeto a.

Quero lembrar-lhes o que Sócrates aprendeu de Diotima, da boca de uma mulher: que qualquer um que deseje ou ame, deseja e ama alguma coisa que lhe falta.

Há muito mais a dizer, esta aula foi uma primeira aproximação ao tema. Deixo com vocês a bibliografia que utilizei para esta síntese, esperando retomar num próximo encontro o tema da sexualidade feminina.

Aula dada na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

4/12/1985 - São Paulo – Brasil

Tradução: Claudia Berliner.

BIBLIOGRAFIA

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan: Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje. Edit. Siglo XXI, 1978.

FREUD, Sigmund: Obras Completas. Edit. Biblioteca Nueva, 1967.

_____ La organización genital infantil (Adición a la teoría infantil), 1923.

_____ La Feminidad, 1933.

_____ La sexualidad femenina, 1931.

_____ El final del Complejo de Edipo, 1924.

_____ Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica, 1925.

_____ Teorías sexuales de los niños, 1908.

_____ Aportaciones a la psicología de la vida erótica, 1910-1912.

_____ Sobre las transmutaciones de las pulsiones y especialmente del erotismo anal, 1916-1917.

_____ Introducción al narcisismo, 1914.

_____ Totem y Tabú, 1913.

_____ Moisés y la religión monoteísta. G) La verdad histórica, 1937.

LACAN, Jacques: Las formaciones del inconsciente. Edit. Nueva Visión, 1976.

_____ La familia. Edit. Argonauta, 1979.

_____ Escritos I. Edit. Siglo XXI, 1975.

El Estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica.

La Instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud.

La significación del falo.

Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano.

_____ Escritos II. Edit. Siglo XXI, 1975.

De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis.

Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Edit. Barral, 1977.

El psicoanálisis al revés.

LAPLACHE, J. PONTALIS, J. B.: Diccionario de psicoanálisis. Edit. Labor, 1971.

MASOTTA, Oscar: Ensayos lacanianos. Edit. Anagrama, 1976.

_____ Introducción a la lectura de J. Lacan. Edit. Corregidor, 1974.

_____ Anotaciones de clases.

PLATON: Diálogos. El banquete, o del Amor. Edit. Espasa Calpe, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de: Curso de lingüística general. Edit. Losada, 1974.

SCIARRETTA, Raúl: anotaciones de classes.

TORRINHA, F. : Dicionário Latino Português. Edit. Marânus, 1945.